

AGL

Academia

Gurulhense de Letras

Revista 13 - Ano 2011



ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

PABLO NERUDA: LEITOR DE CASTRO ALVES

PABLO NERUDA: RÁPIDAS NOTAS POÉTICO-BIOGRÁFICAS

Pablo Neruda, pseudônimo de Ricardo Eliécer Neftali Reyes Basoalto, nasceu em 12 de julho de 1904, no pequeno lugarejo de Parral, a 340 quilômetros ao sul de Santiago, capital do Chile. Seus pais foram: José del Carmen Reyes Morales, maquinista de trem, e Rosa Neftali Basoalto Opazo, professora, morta pela tuberculose um mês depois do nascimento de Pablo. Foi criado por Trinidad Candia Marverde, a segunda esposa de seu pai, a quem ele acha incrível ter de chamar de madrastra, já que ela é o “anjo tutelar” de sua infância, “diligente e doce”, com senso de humor e uma “bondade ativa e infatigável” (NERUDA, 1983, p. 10-12).

Nos seus primeiros cinco anos, Pablo Neruda diverte-se com a chuva, o vento e o frio que assolava a região de Parral. Poucos são os relatos dos primeiros anos de sua infância, registrados na obra memorialista *Confesso que vivi*. Em 1906, sua família se muda para a cidade de Temuco. De lá, se lembra das lojas de ferragens que ostentavam nas suas paredes desenhos dos produtos à venda, como “um imenso serrote, uma panela gigantesca, um cadeado ciclópico, uma colher antártica”, porque muitos compradores são índios e não sabem ler (NERUDA, 1983, p. 9).

Naquela localidade, em 1910, é matriculado no Liceu de Homens,

um vasto casarão com salas desarrumadas e subterrâneos sombrios. Do alto do liceu, na primavera, se divisava o ondulante e delicioso rio Cautín, com suas margens cheias de maçãs silvestres. Fugíamos das aulas para mergulhar os pés na água fria que corria sobre as pedras brancas.

Mas o liceu era um território de perspectivas imensas para meus seis anos de idade. Tudo tinha possibilidade de mistério: o laboratório de Física (onde não me deixavam entrar), cheio de instrumentos deslumbrantes, de retortas e pequenas cubas; a biblioteca, eternamente fechada. (...) No entanto, o lugar de maior fascínio era o subterrâneo. Havia ali um silêncio e uma escuridão muito grandes. À luz das velas, brincávamos de guerra. Os vencedores amarravam os prisioneiros nas velhas colunas. E conservo na memória o cheiro de umidade, de lugar escondido, de túmulo (NERUDA, 1983, p. 12-13).

Desde cedo, os livros o fascinam. Frequentava a biblioteca municipal e lá pegava livros que contavam as façanhas de Buffalo Bill. Apesar de não gostar dele como pessoa, por matar índios, o admirava por ele ser um “bom cavaleiro” e ao seu autor por narrar as “belas pradarias” ou as “tendas cônicas dos peles vermelhas”. Também, se interessava por livros com relatos de viagem (NERUDA, 1983, p. 20).

Os “primeiros amores” se desenvolveram em cartas enviadas a Blanca Wilson.

Esta menina era filha do ferreiro e um dos rapazes, perdido de amor por ela, pediu-me que escrevesse por ele suas cartas amorosas. Não me lembro como seriam estas cartas que foram talvez meus primeiros trabalhos literários, pois, certa vez, ao encontrar-me com a estudante, ela me perguntou se era eu o autor das cartas que seu namorado lhe levava. Não me atrevi a renegar minhas obras e muito perturbado respondi que sim. Então ela me deu um doce de marmelo que, é claro, não quis comer e guardei como um tesouro. Afastado assim meu companheiro do coração da menina, continuei escrevendo intermináveis cartas de amor e recebendo doces de marmelo (NERUDA, 1983, p. 13).

De acordo com Neruda, os meninos do liceu não respeitavam sua condição de poeta (NERUDA, 1983, p. 13). Mesmo assim, recebia incentivos da diretora Lucila de Maria del Perpetuo Socorro Godoy Alcayaga (1889-1957), mais tarde conhecida por Gabriela Mistral, Prêmio Nobel de Literatura em 1945.

Poucas vezes a vi – mas o bastante para cada vez sair com alguns livros que me presenteava. Eram sempre novelas russas, que ela considerava o máximo da literatura mundial. Posso dizer que Gabriela me iniciou nessa séria e terrível visão dos romancistas russos e que Tolstói, Dostoiévski e Tchecov entraram na minha predileção mais profunda. Continuam me acompanhando (NERUDA, 1983, p. 21).

Gabriela Mistral e seu tio Orlando Masson, poeta e fundador do *Diário de Temuco*, estimulam suas incursões poéticas. O pai, no entanto, opõe-se à vocação literária do filho, desejando vê-lo

formado com vistas a um futuro promissor. Para evitar mal-estar com seu pai, que não aceitava ter um filho poeta, a partir de outubro de 1919, Ricardo Reyes adota o pseudônimo de Pablo Neruda, inspirado no nome do escritor checo Jan Neruda (1834-1891).

Com o final do ciclo escolar básico, Pablo Neruda ingressa no curso de Pedagogia na Universidade do Chile, em Santiago. Levou, ao lado do “traje negro” que seu pai lhe dera, a cabeça “cheia de livros, de sonhos e de poemas que zumbiam (...) como abelhas” (NERUDA, 1983, p. 29).

A pensão da Rua Maruri, nº 513, é seu primeiro endereço em Santiago do Chile. Lá, em meio à “agonia de cada tarde, o céu embandeirado de verde e carmim” e a fome que passava, “por causa da dieta rigorosa da pobreza”, Pablo Neruda escrevia “de dois a cinco poemas por dia”. Em 1923, termina a escrita de seu primeiro livro *Crepusculário*, cujo capítulo central se chama “Os crepúsculos de Maruri”. Sem condições financeiras para arcar com a edição da obra, consegue auxílio econômico de amigos, que ajudam a bancar a impressão (NERUDA, 1983, p. 29, 43-44). O momento da edição de um livro é, segundo ele, inesquecível:

Meu primeiro livro! Sempre sustentei que a tarefa do escritor não é misteriosa nem mágica, mas que, pelo menos a do poeta, é uma tarefa pessoal, de benefício público. O que mais se parece com a poesia é um pão ou um prato de cerâmica ou uma madeira delicadamente lavrada, ainda que por mãos rudes. No entanto, creio que nenhum artesão pode ter, como o poeta tem, por uma única vez durante a vida, esta sensação embriagadora do primeiro objeto criado por suas mãos, com a desorientação ainda palpitante de seus sonhos. É um momento que não voltará nunca mais. Virão muitas edições mais cuidadas e belas. Chegão

suas palavras vertidas na taça de outros idiomas como um vinho que cante e perfume em outros lugares da terra. Mas esse minuto em que o primeiro livro sai, com tinta fresca e papel novo, esse minuto de arrebatamento e embriaguez, com som de asas que revoloteiam e de primeira flor que se abre na altura conquistada, esse minuto é único na vida do poeta (NERUDA, 1983, p. 45).

O sucesso da obra lhe permite entrar em contato com poetas, boêmios, estudantes e loucos. Entre eles, Alberto Rojas Gimenez, diretor da revista Claridad, que o convida para escrever críticas literárias. O passar dos anos o faz produzir cada vez mais. Ao longo do tempo vão nascendo novos livros: *Vinte poemas de amor e Uma canção desesperada* (1924). Por tanto falar em amor, o cupido o atacou. Neruda apaixonou-se por Albertina Azócar, musa de seus livros inaugurais, que não aceita os galanteios e as investidas do poeta. Depois dela, vieram outras mulheres: Maria Antonieta Haagenar Vogelzanz, com quem se casou em dezembro de 1930 e se separou em 1936. Com ela tem uma filha, Malva Marina Trinidad, morta aos oito anos vítima de hidrocefalia. No final da década de 1930, inicia um relacionamento com a pintora argentina Delia del Carril, com quem vive até 1955, e a quem evita magoar quando publica, anonimamente, em 1952, em Nápoles, na Itália, *Os versos do capitão*, dedicados a Matilde Urrutia, sua paixão clandestina. Por volta de 1946, Neruda é apresentado à cantora Matilde. De um encontro fortuito ao casamento em 1966, a relação amorosa de ambos é regada de muita paixão (SILVA, 2004).

Por influência de um amigo muito bem relacionado na alta cúpula política do Chile, Pablo Neruda é nomeado cônsul na Birmânia (hoje Myanmar), na Indonésia, em Cingapura, no Ceilão (atual Sri Lanka), na Argentina, na Espanha, na França e no México. Em todos estes lugares registra, em seus versos, a região, os homens, a história.

Na Espanha, entre 1934 e 1936, na escuridão do governo fascista de Francisco Franco, Pablo Neruda opõe-se ao governo, principalmente após a execução do amigo e poeta Federico Garcia Lorca (1898-1936), por ser considerado “mais perigoso com a caneta do que outros com o revólver”. Pressionado pelo ditador espanhol, o governo chileno destitui Neruda do cargo diplomático, mandando-o para Paris. Na “cidade luz”, sua voz e escrita não se calam: recruta escritores e intelectuais para, com palavras, lutar contra o fascismo. Edita a revista *Os poetas do mundo defendem o povo espanhol* (SILVA, 2004).

No México, Pablo Neruda encerra sua carreira diplomática. Retorna ao Chile e lá constata que a realidade de seu país, em muitos aspectos, assemelha-se à da Espanha. Não é a guerra que une a Espanha ao Chile, mas a pobreza, a ignorância e o subdesenvolvimento trazidos – também para toda a América Latina – com a colonização ibérica em terras americanas.

Neruda descobre suas raízes após suas andanças por diversas partes do mundo. Inquieta-se ao observar a massa de desabrigados que vivem sob o signo da desesperança, da miséria. Pablo volta-se para seu povo e assume a militância de defendê-los em seus versos. Sob o ideal de defesa dos necessitados, em março de 1945, é eleito senador. Em junho daquele ano, filia-se ao Partido Comunista. Como político, viajou pelo interior chileno, inteirando-se da realidade do país.

Acreditando nas ideias socialistas de Gabriel González Videla (1898-1980), ajuda-o a se eleger presidente do Chile em 1946. No poder, aos poucos, o véu socialista cai e Videla, o Judas chileno, começa a perseguir todos aqueles que o ajudaram e que divergiram de suas ideias, ao gosto dos norte-americanos.

Com discursos inflamados no púlpito do Senado e publicando artigos contra o governo no exterior, o senador Pablo Neruda passa a ser mal visto pelo governo. A perseguição se inicia com a publicação

do artigo “A crise democrática do Chile é uma advertência dramática para nosso continente”, mais conhecido como “Carta íntima para milhões de homens”, no jornal El Nacional de Caracas, na Venezuela. O texto foi entendido pelo governo como um desaforo de Neruda, por denegrir o Chile no exterior e por calúnias e injúrias contra Videla. A reação governamental foi imediata: o senador Pablo Neruda foi cassado e passou a viver, primeiro, em clandestinidade em seu país, e, depois, no exílio (SCHIDLOWSKY, 2008, v. 1, p. 712-717).

Durante o período em que viveu na clandestinidade, Pablo Neruda termina a escrita de *Canto Geral*: “grito de denúncia contra as injustiças históricas da América Latina, revisão dos séculos de dominação estrangeira e de resistência nativa” (SILVA, 2004).

CANTO GERAL: ENCICLOPÉDIA HISPANOAMERICANA

A obra *Canto Geral* foi publicada em 1950, no México. É o décimo livro de Pablo Neruda. Começou a escrevê-lo em 1938 e traz em suas páginas quinze seções, 231 poemas e mais de quinze mil versos.

É o livro mais político e ambicioso de Neruda. Pretende, nas suas palavras, ser uma crônica ou enciclopédia de toda a América hispânica. Muitos críticos têm qualificado *Canto Geral* como um texto épico, já que os poemas se dirigem do elogio à natureza (árvores, animais e o mar) à apologia dos heróis revolucionários libertadores da América de colonização ibérica. Em seus cantos, o poeta escreve sobre a terra, os homens e a história da América Latina, traçando paralelos com lutas emancipacionistas universais, reafirmando, explicitamente, sua opção pela arte engajada na luta social.

Em “Os libertadores”, quarto canto do livro, Neruda faz apologia aos defensores do continente americano, como Cuahtémoc (1502-1525), também conhecido por Guatimozin, o último imperador asteca, que lutou contra as forças de invasão espanholas no México; frei Bartolomé de las Casas (1474-1566), considerado o primeiro sacerdote ordenado na América e defensor dos índios; Caupolicán, chefe militar dos mapuches, que lutou contra os conquistadores espanhóis pela liberdade de seu território no sul do Chile; passando pelos próceres independentistas José Francisco de San Martí (1778-1850), general argentino e o primeiro líder na América do Sul que obteve sucesso no seu esforço para a independência da Argentina, do Chile e do Peru; Bernardo O’Higgins Riquelme (1778-1842), considerado o “pai da pátria chilena”, por sua ativa participação no processo emancipacionista e por ser o primeiro chefe de estado do Chile independente da Espanha; o venezuelano Francisco de Miranda (1750-1816), considerado o precursor da independência da América espanhola, cujos ideais foram seguidos por Bernardo O’Higgins e Simon Bolívar; o haitiano Toussaint L’Ouverture (1743-1803), reconhecido por ter sido o primeiro líder negro a vencer as forças de um império colonial europeu em seu próprio país. Nascido escravo, tendo sua formação em armas e conseguido levar uma luta vitoriosa para a libertação dos escravos haitianos, Toussaint passou a ser uma figura histórica de importância no movimento de emancipação dos negros na América, entre outros personagens.

CASTRO ALVES: “O POETA DA NOSSA AMÉRICA”

Entre os libertadores da América, narrados em *Canto Geral*, Pablo Neruda cita Castro Alves, do Brasil, e a ele dedica o vigésimo nono poema do quarto canto:

CASTRO ALVES DO BRASIL

Castro Alves do Brasil, para quem cantaste?
Para a flor cantaste? Para a água
cuja formosura diz palavras às pedras?
Cantaste para os olhos, para o perfil recortado
da que então amaste? Para a primavera?

Sim, mas aquelas pétalas não tinham orvalho,
aquelas águas negras não tinham palavras,
aqueles olhos eram os que viram a morte,
ardiam ainda os mártires por detrás do amor,
a primavera estava salpicada de sangue.

- Cantei para os escravos, eles sobre os navios,
como um cacho escuro da árvore da ira
viajaram, e no porto se dessangrou o navio
deixando-nos o peso de um sangue roubado.

- Cantei naqueles dias contra o inferno,
contra as afiadas línguas da cobiça,
contra o ouro empapado de tormento,
contra a mão que empunhava o chicote,
contra os dirigentes de trevas.

- Cada rosa tinha um morto nas raízes.
A luz a noite, o céu, cobriam-se de pranto,
os olhos apartavam-se das mãos feridas
e era a minha voz a única que enchia o silêncio.

- Eu quis que do homem nos salvássemos,
eu cria que a rota passasse pelo homem,
e que daí tinha de sair o destino.

Cantei para aqueles que não tinham voz.

Minha voz bateu em portas até então fechadas
para que, combatendo, a liberdade entrasse.

Castro Alves do Brasil, hoje que o teu livro puro
torna a nascer para a terra livre,
deixa-me a mim, poeta da nossa América,
coroar a tua cabeça com os louros do povo.
Tua voz uniu-se à eterna e alta voz dos homens.
Cantaste bem. Cantaste como se deve cantar.
(NERUDA, 1984, p. 136-137)

No poema, Castro Alves é lembrado por Pablo Neruda como aquele que, ao mesmo tempo em que cantou às flores, às águas, à formosura da mulher amada, fez com que “em portas até então fechadas (...) a liberdade entrasse.” Neruda reverencia Castro Alves como o “poeta da nossa América”, por ter cantado àqueles que não tinham voz: os escravos.

Castro Alves é considerado um dos mais brilhantes poetas românticos brasileiros. Seu nome de batismo é Antônio Frederico de Castro Alves, nascido em 14 de março de 1847, na fazenda Cabeceiras, próxima à vila de Curralinho, hoje cidade de Castro Alves, no Estado da Bahia. Era filho do médico Antônio José Alves e de Clélia Brasília da Silva Castro, falecida quando ele tinha 12 anos (COSTA E SILVA, 2006, p. 9).

Castro Alves tinha onze anos quando entrou para o Ginásio Baiano, do educador Abílio César Borges, futuro barão de Macaúbas e futura personagem de Raul Pompeia, o doutor Aristarco Argolo de Ramos, impiedosamente dissecado em *O ateneu* (COSTA E SILVA, 2006, p. 16)

No colégio, o professor Abílio incentivava a realização de saraus literários, com a participação de pais, alunos e professores. Dava tamanha importância para essas tertúlias que construiu um palanque especialmente para elas, o Outeiro. Nesse palanque, Castro Alves recitou seus primeiros poemas (COSTA E SILVA, 2006, p. 18).

Desde jovem, mostrou-se um entusiasta apaixonado pelas causas da liberdade e da justiça. Seus versos motivam a conquista

da liberdade para os escravos, levando-o à tarefa de desvendar quem era o brasileiro e em que país se vivia em meados do oitocentos. Sua poesia-discurso compreende o drama da exploração dos escravos e motiva a luta contra a escravidão. Por dar voz às angústias e aos sonhos dos cativos, Castro Alves ficou conhecido como “Poeta dos Escravos”.

Escravos que estavam em todas as partes do Brasil: nas lavouras, nas cidades, dentro de casa, nas senzalas, fugidos nos matos e nos centros urbanos; enfim, onde havia serviços: capinando matos, limpando casas, construindo ruas e edifícios públicos ou particulares, como amas de leite, exercendo ofícios especializados como barbeiros, cirurgiões, carpinteiros e carregadores, vendendo comida, água e badulaques etc. O que podiam, eles faziam... O Brasil foi um país de escravos. Talvez, o maior país de escravos da era moderna, ou pelo menos, o país moderno mais dependente de cativos. Ou, ainda, pelo menos, o maior país e mais dependente de escravos do continente americano. Havia diversos tipos de escravos: de propriedade do senhor ou alugados. E havia os mancípios de “ganho”, aqueles que o senhor punha a realizar determinado serviço para fazer algum dinheiro. Os que trabalhavam nas cidades, exercendo ofícios diversos, podiam ser libertos ou ser, também, “negros de ganho”. Ou escravas que podiam, nas ruas, vender quitutes ou se prostituir para ganhar alguns trocados (TOLEDO, 1996, p. 52).

A escravidão é um tema indissociável da condição humana. A palavra “trabalhar”, em português, deriva de *tripaliare*, que, em latim vulgar, significava martirizar com o *tripaliu* — um instrumento de tortura. Em inglês, *slave*, escravo, vem de *slav*, eslavo. Os eslavos foram os escravos dos impérios europeus antigos, principalmente, do Império Romano. Os impérios chinês e otomano floresceram graças ao braço escravo. O sul dos Estados Unidos, com a sua vocação agrícola, manteve a escravização do negro africano em

regime mais duro que o nosso. A palavra *rabota*, em russo, quer dizer trabalho, e tem como raiz *rab*, que significa escravo (PÓLVORA, s./d.).

Em mais de três séculos e meio, no Brasil desembarcaram nos portos mais de quatro milhões de negros escravos africanos, 40% das importações totais das Américas, em uma das mais volumosas operações de transferência forçada de pessoas havidas na História. O Brasil é um país formado na concepção de que o trabalho é algo que se obriga outro a fazer e pessoas humanas são mercadorias. Um escravo podia ser objeto de compra, venda, empréstimo, doação, penhor, sequestro, transmissão por herança, embargo, depósito, arremate e adjudicação, como qualquer mercadoria (TOLEDO, 1996, p. 52-53). Mas era uma mercadoria especial: tinha alma e sentimentos, como qualquer outra pessoa. Porém, sua alma e sentimentos não eram conhecidos, ou se fazia o possível para não conhecer. Castro Alves rompeu com isto.

De acordo com Pablo Neruda, Castro Alves cantou “para os escravos”, contra “o inferno” do cativo, contra a “cobiça” desmedida de exploração do homem por dinheiro e pelo uso da força, “contra a mão que empunhava o chicote”.

Para dar voz àqueles “que não tinham voz”, o poeta baiano escreveu *Navio Negroiro*. Como *Canto Geral*, de Neruda, *Navio Negroiro* é considerado pela crítica um poema épico. Foi escrito em 18 de abril de 1868, mas, foi tornado público no dia 7 de setembro daquele ano, quando foi declamado durante sessão comemorativa pela Independência do Brasil.

O poema se divide em seis partes. Na primeira, Castro Alves exalta o cenário natural em que a ação se passa: o mar. A seguir, elogia os marinheiros. Na terceira parte, apresenta o navio negroiro, com um quadro de tristeza e horror:

... que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
É canto funeral!... Que tétricas figuras!...
Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus!
Que horror!
(ALVES, 1921, p. 95)

Na quarta parte, Castro Alves apresenta descrição detalhada do navio, informando o sofrimento dos escravos:

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoites,
Horrendos a dançar...

(...)

Ouvem-se os gritos... o chicote estala.

(...)

Presas nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que mártírios embrutece,
Cantando, geme e ri!
(ALVES, 1921, p. 95-96)

Na quinta parte, remete o leitor para a África, a terra natal dos cativos que são trasladados forçosamente pelo mar:

Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão...

(...)

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúmulo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer...
Prende-os a mesma corrente
– Férrea, lúgubre serpente –
Nas roscas da escravidão.
(ALVES, 1921, p. 98-99)

Na sexta e última parte, Castro Alves apresenta-nos a antítese entre a África livre e a África que se beneficia com a escravidão. Mas, em todos os versos da poesia abolicionista, ele denuncia a injustiça e clama por liberdade. Liberdade semelhantemente pregada por Pablo Neruda para romper os grilhões que nos prendem ao poderio europeu e norte-americano.

Ao cantar Castro Alves em *Canto Geral* e ao se ler o poema *Navio Negreiro*, fica-se com a sensação de que, em ambos, o leitor é cobrado a se posicionar criticamente perante as injustiças. Cita o poeta baiano:

Quem são estes desgraçados,
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba,
Que excita a fúria do algoz?
(ALVES, 1921, p. 97)

Na poesia brasileira, estão emparelhados dois sofrimentos, o dos escravos e o do poeta. Castro Alves conseguiu, em uma época em que o escravo era visto com coisa, ressemantizar a figura do negro, reconhecendo-lhe humanidade, destacando-o do cotidiano brutal a que estava submetido, para descrevê-lo na moldura da natureza. Neruda escreveu: “Castro Alves do Brasil, para quem cantaste?” (NERUDA, 1984, p. 136). A capacidade poética de Alves,

tão bem lembrada por Neruda, e a própria capacidade poética de Pablo Neruda estão na comunhão que estabelecem com a sua gente, na forma como participaram das lutas de seus povos. Os lados artístico e político-ideológico de Alves e Neruda, tão distantes no tempo e no espaço, nos fazem ficar indignados. Ainda hoje lutamos por liberdade... A famosa égloga de Virgílio nunca esteve tão em alta: “Liberdade ainda que tardia!”

BIBLIOGRAFIA

ALVES, Castro. *Obras completas*. Edição crítica de Afrânio Peixoto. Rio de Janeiro: F. Alves, 1921. v. 2.

BERTUSI, Lisandra Teresinha. A poesia de Pablo Neruda: vanguarda, modernismo e regionalidade. *Antares: Letras e Humanidades*, n. 3, p. 113-128, jan./jun. 2010.

COSTA E SILVA, Alberto da Costa. *Castro Alves: um poeta sempre jovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NERUDA, Pablo. *Canto geral*. Trad. Paulo Mendes Campos. 6. ed. São Paulo: Difel, 1984.

_____. *Confesso que vivi*. Trad. Olga Savary. 16. ed. São Paulo: Difel, 1983.

PÓLVORA, Hélio. Navio negreiro. s./d. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/polvra01.html>>. Acesso em: 11 mar. 2011.

SCHIDLOWSKY, David. *Neruda y su tempo*. Santiago de Chile: RIL, 2008. v. 1.

SILVA, Maria Cecília Barbosa Reis da. O Canto Geral de Pablo Neruda, o poeta do mundo. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 42, nov. 2004. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/042/42csilva.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. A sombra da escravidão. *Veja*, São Paulo, ano 19, ed. 1444, p. 52-65, 15 maio 1996. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/acervodigital>>. Acesso em: 14 mar. 2011.

André Figueiredo Rodrigues é Doutor em História pela Universidade de São Paulo. Acadêmico Efetivo da Academia Guarulhense de Letras (AGL) e Membro Titular da Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH). Professor das Faculdades Guarulhos e do Centro Universitário Anhanguera de São Paulo. Website: www.histoecultura.com.br